

Estrutura e Função da Literatura Onírica em “Decadência de Dois Grandes Homens” de Machado de Assis

Profa. Dra. Adelaide Caramuru Cezar (UEL)

Resumo:

A estrutura de encaixes é uma constante nos contos machadianos vinculados ao insólito. Há uma narrativa encaixante na qual é construído o pretensamente real. Há uma narrativa encaixada na qual se instaura o insólito. Para finalizar a estrutura textual, retorna-se à narrativa encaixante, ao real ficcional no qual o insólito se introduziu. Objetiva-se a apresentação desta estrutura no conto “Decadência de dois grandes homens” (1873) de Machado de Assis (1839-1908) e o enfoque da impossibilidade de manter-se a leitura do conto apenas nesta instância descritiva se pretender-se uma leitura plena.

Palavras-chave: literatura onírica, Machado de Assis, “Decadência de dois grandes homens”, estrutura de encaixes, funcionalidade jocosa.

INTRODUÇÃO

“Decadência de dois grandes homens” foi publicado por Machado de Assis sob o pseudônimo de Max na revista feminina intitulada *Jornal das Famílias* no número referente a junho e julho de 1873. O conto não foi posteriormente agregado pelo autor a nenhuma de suas antologias, tampouco se fez presente nas edições Jackson ou Aguilar. Raymundo Magalhães Júnior trouxe o conto a conhecimento público na década de cinquenta do século XX quando empreendeu resgate de publicações do autor que permaneciam nos jornais e revistas do século XIX. Em 1973, agrupou onze deles em volume intitulado *Contos fantásticos de Assis*. Objetivo aqui procurar pela especificidade do denominado “fantástico” em “Decadência de dois grandes homens”.

A fábula do referido conto tem duração de três dias. Passa-se no Rio de Janeiro, mais especificamente em três espaços: a) no Café Carceler, situado na Rua Direita, onde, nos dias 14, 15 e 16 de março, o narrador, Dr. Miranda, se depara com o protagonista do conto, Jaime, e, depois de muito esforço, trava contato com ele; b) nas ruas centrais do Rio de Janeiro onde Dr. Miranda e Jaime passeiam no dia 15; c) na casa de Jaime, onde o narrador conta que escuta a longa história de vida de Jaime, acabando por aí dormir, uma vez que se empenha na tarefa de auxiliar o recente amigo que se vê em dificuldades.

Neste terceiro espaço, casa de Jaime, ocorre passagem da narrativa encaixante, onde se situa o real ficcional acima apresentado, para a narrativa encaixada, na qual se faz presente o pesadelo não anunciado na narrativa encaixante, resultando em dificuldade de compreensão para o leitor. No presente trabalho será dado especial destaque a esta não anunciada passagem da narrativa encaixante para a narrativa encaixada a resultar em incômodo para o leitor e, posteriormente, quando há claro retorno da narrativa encaixada para a encaixante, a sensação de ludíbrio, acarretando tal ocorrência percepção do leitor da facilidade com que deixa que suas emoções sejam manobradas pela cuidadosa estrutura montada em “Decadência de dois grandes homens”. Crê-se que esta seja a especificidade do fantástico no conto em pauta, como também em outros contos apontados por Magalhães Júnior como fantásticos. Espera-se, através de minucioso trabalho de *explication de texte*,

apresentar a estrutura do conto machadiano a estabelecer-se, ao final, como uma brincadeira com o leitor.

1 NARRATIVA ENCAIXANTE

O narrador presente em “Decadência de dois grandes homens” é um médico mineiro que veio ao Rio de Janeiro “para tratar questões políticas com os ministros” (ASSIS, Machado de. “Decadência de dois grandes homens”. In: MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo (Org.). *Contos fantásticos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973. p. 151)¹. Trata-se, como a grande maioria dos narradores machadianos, de membro da classe dominante, como deixa claro o motivo de sua viagem à capital do império. O preenchimento de seu tempo ocioso dá-se através da observação cuidadosa do “outro”, como confessa a seu narratário: “atirei-me ao prazer de estudar todos os originais que encontrava, e não tenho dúvida em confessar que até então só tinha encontrado cópias. O velho apareceu a tempo; tratei de analisar o tipo” (p. 151). O velho a que o narrador se refere é Jaime, personagem que, segundo palavras do caixeiro da confeitaria, questionado por Dr. Miranda, há quatro anos vinha todas as manhãs ao Café Carceler, caracterizando-se pelo comportamento repetitivo, conforme o narrador coloca logo na abertura do conto: “Os antigos frequentadores do Café Carceler hão de recordar-se de um velho que ali ia todas as manhãs às oito horas, almoçava, lia os jornais, fumava um charuto, dormia cerca de meia hora e saía.” (p. 151). Através desta afirmação, fica claro que o narrador dirige suas palavras a seus contemporâneos, ou seja, àqueles que frequentavam na mesma época em que ocorreu aquilo que vai ser relatado em “Decadência de dois grandes homens” o mesmo espaço: o Café Carceler.

Não é possível deixar de ressaltar que este narrador, focalizador e personagem, Dr. Miranda, por sua fixação em Jaime, conduz-nos a Garcia, personagem e focalizador em “A causa secreta” (*Várias Histórias*, 1895). A obsessão pelo homem calado pouco dado a diálogos e amigos leva a crer que, se o outro, Jaime, parece-lhe “o tipo” que deve ser analisado, o narrador, Dr. Miranda, para nós, leitores, configura-se como um tipo de maior monta a ser investigado. Isto porque, eleito apenas pela casmurrice e pontualidade, Jaime transforma-se em razão de ser do médico mineiro que tanto se empenha na perseguição cuidadosamente planejada. Impossível deixar de lembrar comentário de Silviano Santiago a respeito de Garcia:

As leis jurídicas anglo-saxônicas, rigorosas em termos de direitos à privacidade (*privacy*), julgariam Garcia um *stalker* – alguém fixado em alguém, que cerca o outro e o assedia com interesse a ser mais bem definido pela denúncia do perseguido aos superiores ou à polícia, ou pelo julgamento na justiça (SANTIAGO, Silviano, 2008, p. 33).

A obsessão de Miranda por Jaime é tal qual a de Garcia por Fortunato, cumprindo lembrar que se trata do enorme apreço de um moço mais jovem que no conto agora analisado a ele se refere como “o velho”, enquanto que este a ele se refere como “mancebo” (p. 157) ou “meu rico senhor” (p. 158). Como Garcia, Miranda é médico. Como Fortunato, Jaime parece padecer de alguma espécie de patologia mental. Miranda e Garcia estão sempre focalizando Fortunato e Jaime, dando especial importância ao olhar

¹ As demais citações referentes ao conto “Decadência de dois grandes homens” limitar-se-ão aos números de páginas desta edição.

dos escolhidos.

As ações de Dr. Miranda são por ele narradas como repetitivas, destacando o fato de diferenciar-se de sua classe, uma vez que almoçava no Carceler “justamente à hora do velho, dos empregados públicos e dos escreventes de cartório” (p. 151). É ainda no pretérito imperfeito que relata detalhadamente onde se sentava quando se encontrava no Café Carceler: “Sentava-me à mesa que enfrentava com a do velho, e que era a penúltima ao lado esquerdo contando do fundo para a rua” (p. 151).

Jaime é descrito pelo narrador em primeira pessoa no segundo parágrafo do conto: “Era ele homem de seus cinquenta anos, barbas brancas, olhos encovados, cor amarela, algum abdômen, mãos ossudas e compridas. Comia vagarosamente” (p. 151). Seu comportamento é cuidadosamente descrito pelo narrador que, obviamente, alcançou a etapa desta tão pormenorizada descrição depois de tê-lo focalizado por bom tempo, conforme se lê na seguinte passagem:

Comia vagarosamente algumas fatias de pão-de-ló e uma chávena de chocolate. Durante o almoço não lia; mas apenas acabado o chocolate, acendia um charuto que tirava do bolso, que era sempre do mesmo tamanho, e que no fim de certo tempo tinha a virtude de o fazer adormecer e deixar cair das mãos o jornal que estivesse lendo. Encostava então a cabeça à parede, e dormia plácido e risonho como se algum sonho agradável lhe estivesse dançando no espírito; às vezes abria os olhos, contemplava o vácuo, e continuava a dormir tranquilamente (p. 151).

Frente a este homem com esta repetitiva conduta, deixava-se estar o narrador dia após dia. Ele mesmo denomina sua conduta como “paciência de curioso” (p. 152). Assim, progressivamente, vai Dr. Miranda tentando aproximar-se de Jaime, seja entregando-lhe o jornal quando este o procura com os olhos, seja dizendo-lhe qual o artigo que mais se destaca no diário por ele oferecido. Seu interlocutor permanece sempre impassível, não lhe oferecendo resposta alguma. O médico narrador conta que chega a segui-lo pela rua, porém, como parece andar ao léu, acaba abandonando a perseguição, uma vez que precisa cuidar dos afazeres políticos que o trouxeram à corte. A denominação “o velho” usada com frequência na narrativa é substituída por “meu homem” (p. 152) quando, no dia 15 de março, Jaime, “em vez de pedir um jornal e fumar um charuto, encostou a cara nas mãos e começou a olhar para mim” (p. 152). Passa a ser “o misterioso velho” (p. 152). A atenção do curioso médico redobra-se e os olhos de Jaime passam a ser o seu foco: “A expressão dos olhos, que de ordinário era morta e triste, nessa ocasião tinha um quê de terror” (p. 152).

A partir deste momento da narrativa começa a ser devastada a subjetividade do protagonista. Cumpre ao médico o papel de auxiliar na passagem do plano do sempre igual da narrativa inicial para o adentramento no mais íntimo de Jaime. Há um progressivo mal-estar a ocupar a linha narrativa. É como se o real ficcional fosse cedendo espaço para o mundo interior do “outro” visto a partir do real do narrador e concomitantemente focalizador. Duas instâncias estão lado a lado: a lucidez do médico e o adentramento de Jaime em sua problemática interior.

Tudo gira ao redor de “os idos de março”, mais especificamente 15 de março, data do assassinato de Júlio César por Marco Júnio Bruto e Caio Longino Cássio no ano 44 a. C. Num diálogo progressivo entre o médico, cujo papel reside em estimular a fala de Jaime, e seu escolhido, a subjetividade do protagonista vai sendo revelada. A data do diálogo é justamente 15 de março, não havendo referência ao ano. Diante da primeira abertura de

Jaime para o diálogo, Dr. Miranda, conforme registra no conto, levanta-se e vai sentar-se à mesa dele, perguntando: “– Mas que tem o senhor com a morte de César?” (p. 153). Como Jaime ainda se mostra pouco afeito à fala, Dr. Miranda atém-se à focalização do personagem:

Ocupei esse tempo em contemplá-lo mais detidamente e de perto. Olhava ele para a mesa, com as mãos postas debaixo das orelhas; os músculos do rosto estremeciam de quando em quando, e os olhos rolavam dentro das órbitas como favas nadando em prato de molho. No fim de algum tempo, olhou para mim, e eu aproveitei a ocasião para dizer-lhe:
– Quer um charuto? (p. 153).

Note-se que a subjetividade de Jaime vai-se revelando, situando-se Dr. Miranda como aquele que auxilia sua vinda à tona. Logo a seguir, frente à oferta de um charuto, Jaime revela-se um pouco mais: só fuma seus charutos, que são opiados. Justifica tal feito como “grande recurso para quem quer esquecer um grande crime” (p. 153). Oferece um de seus charutos opiados a seu interlocutor, que o aceita e o guarda, para dele fazer uso em momento oportuno. Esta pequena abertura ofertada por Jaime ao jovem médico é logo por ele bem usufruída, repetindo situação anterior na qual bem focalizou seu interlocutor, fazendo, inclusive, uso de metáfora – “e os olhos rolavam dentro das órbitas como favas nadando em prato de molho” (p. 153) – e logo, depois de ater-se em sua focalização, fazendo também uso de metáfora – “a fronte se lhe entristecia cada vez mais como a Tijuca quando está para cair temporal” (p. 153) – de imediato seduz o velho que se vê em momento de perigo com a seguinte colocação: “– Simpatizo muito com o senhor; quer que eu seja seu amigo?” (p. 153).

Carente, Jaime fica feliz com a proposta. São feitas as apresentações, cuidando o médico de ressaltar os aspectos soturnos da respiração de seu interlocutor – “soltou das cavernas do peito um longo e magoadíssimo suspiro” (p. 156) – e também de seu sorriso entrecortado pelas seguintes exclamações: “– Os idos de março! Os idos de março” (p. 154). A respeito do sorriso formal que acompanhou as apresentações, Dr. Miranda assim o registra: “um sorriso tão infernal, tão sombrio, tão lúgubre, que eu tive ideia de ir embora” (p. 154), mas a já citada “Paciência de curioso, que ninguém a tem maior, nem mais fria” (p. 152) o retém.

Saem do Café, passeiam pela cidade. Jaime revela-se homem agradável e culto. Conhece a história de Roma, lê Plutarco, Tito Lívio e Suetônio, sabe “Tácito de cor” (p. 154) e chega a afirmar que “dormia com Virgílio” (p. 154). A hora passa, jantam num hotel e, mais uma vez, Dr. Miranda seduz seu recente amigo com uma nova proposta: “acompanhá-lo à casa, que era na Rua da Misericórdia” (p. 154). A proposta é logo aceita pelo solitário senhor. O novo espaço, espaço pessoal de Jaime, segundo o jovem médico, condiz com o dono: “Duas estantes, um globo, vários alfarrábios espalhados no chão, uma parte sobre uma mesa, e uma cama antiga” (p. 154). Novas revelações são efetivadas: a presença de um gato na casa, Júlio César, e na estante, um livro com o seguinte título: *Metempsicose*.

Jaime crê-se reencarnação de Marco Bruto. Júlio César está reencarnado no gato. Segundo revelação do próprio general romano, num dos aniversários de sua morte, Jaime será transformado em rato e será comido pelo gato. Assim disse-lhe Júlio César em uma de suas aparições:

“Bruto, os deuses querem punir-te da minha morte. Voltaremos ao mundo outra vez debaixo da forma humana, e depois, imediatamente depois,

minha alma passará ao corpo de um gato. Daí em diante, Bruto, teme sempre os idos de março, porque a um desses aniversários será transformado em rato e engolido por mim” (p. 159).

Frente a tal colocação, Dr. Miranda teme que Jaime esteja prestes a ter um acesso de loucura, mas nota-o sereno. Jaime joga fora seu charuto e passa a fumar um dos charutos do médico. O médico, por sua vez, que vinha fumando o charuto ofertado pela manhã por Jaime, continuou fumando-o. A conversa se prolonga. Jaime revela de forma plena seus temores mais íntimos: “passeava vagarosamente, gesticulando, rindo sem motivo, outras vezes chorando, tudo como quem tem alguma mania na cabeça” (p. 160). Dr. Miranda, que até aqui vinha focalizando Jaime, desvia seu olhar para o gato e começa a tecer divagações:

Pus os olhos no animal e admirei o que eram os destinos humanos. César estava reduzido à condição de animal doméstico! Aquele gato, que estava ali diante de mim, tinha escrito os Comentários, subjogado os Gauleses, vencido Pompeu, destruído a República. Saciava-se agora com uma simples ceia, quando outrora queria dominar todo o universo (p. 160).

O leitor sente-se confuso e começa a questionar-se a respeito do poder de convencimento de Jaime, uma vez que tanto se empenhou em persuadir o médico da verdade da metempsicose. Terá ele, que se apresentou por sua eloquência um homem culto, transformado Dr. Miranda em um adepto desta filosofia? Há então um jogo com a focalização. Dr. Miranda estende-se no sofá e continua ouvindo as histórias de Jaime sobre Cícero. Jaime, na cadeira de couro, na qual antes estava o médico, segundo palavras do narrador, “olhava para mim”. Aqui se dá a vertigem, ou seja, a passagem do real ficcional para o pesadelo, a passagem da narrativa encaixante para a narrativa encaixada.

2 NARRATIVA ENCAIXADA

Ela, a narrativa encaixada, será breve. Terá aproximadamente duas páginas. A narrativa encaixante, em sua primeira parte, efetivou-se em nove páginas e meia, em sua segunda parte, meia página. Tem-se, pois, dez páginas nas quais o real ficcional é buscado contra duas páginas de total vertigem no mundo inconsciente do paciente médico cujo objetivo residia em adentrar-se na subjetividade do tipo encontrado no Café Carceler: Jaime.

Houve, pois, uma total reversão dos papéis. O narrador pretendia oferecer-nos sua leitura de um homem original, o resultado foi, no entanto, o registro de um pesadelo, de um efeito do ópio como elaboração por sua mente da absurda história que lhe foi contada por um adepto da metempsicose. Há elementos em comum com fatos contados anteriormente. Lembre-se de que “os olhos rolavam dentro das órbitas como favas nadando em prato de molho” (p. 153). Lembre-se ainda de que “a fronte se lhe entristecia cada vez mais como a Tijuca quando está para cair temporal” (p. 153). Agora, conta que seu anfitrião, “sentado na cadeira de couro, olhava para mim, abrindo dois grandes olhos e eis que estes começam a crescer lentamente, e já ao fim de alguns minutos pareciam no tamanho e na cor as lanternas dos bondes de Botafogo” (p.161). As analogias entre manifestações de estados psíquicos perturbados com dados do real corriqueiro chamam atenção. Isto leva a crer que sua forma de raciocínio tem sempre por suporte o real, o natural, o comum. Mesmo quando se adentra no desconhecido, seu parâmetro são as favas no molho, a Tijuca no temporal, as

lanternas dos bondes de Botafogo.

No pesadelo de Dr. Miranda, os olhos de Jaime, depois de crescerem, diminuem, as demais partes do corpo vão se modificando até que, em lugar do protagonista, que se acreditava Bruto, assassino de César, tem-se a presença de um rato. Logo em seguida, o gato, tido por Jaime como Júlio César, pula na mesa, avança para o rato, tido como Bruto. Fitam-se e, à mente de Dr. Miranda vem o sexto canto de *Farsália*, de Lucano, traduzido para o português pelo contemporâneo e amigo de Machado de Assis, Sr. Castilho José. Nesta passagem, César e Pompeu se defrontam: “*Nos altos, frente a frente, os dois caudilhos, / Sôfregos de ir-se às mãos, já se acamparam*” (p. 161). Se antes, durante a narrativa encaixante, na qual se tratava do real ficcional, as referências romanas diziam respeito a Plutarco, Tito Lívio, Suetônio, Tácito, Virgílio, agora, na narrativa encaixada, na qual houve a vertigem no inconsciente, na qual se efetiva o jogo com o avesso da narrativa encaixante, vem à tona o enfrentamento corajoso de dois heróis:

Após curto silêncio, o gato avançou para o rato; o rato pulou ao chão, e o gato atrás dele. Subiu o rato ao sofá, e o gato também. Onde Bruto se escondesse, lá se metia César; às vezes o primeiro encarava de frente o segundo, mas este não se assustava com isso, e avançava sempre. Gemidos e roncões ferozes eram a orquestra desta dança infernal. Exausto de uma luta impossível, o rato deixou-se cair arquejante, e o gato pôs-lhe a pata em cima (p.161).

Note-se que o registro do narrador mistura os dois níveis: de um lado, gato e rato, de outro lado, Bruto e César. A metempsicose apresenta-se totalmente interiorizada pela mente de Dr. Miranda. Horroriza-se frente ao que vê, ou seja, frente ao sadismo do gato diante do enfraquecido rato, obrigando o narrador a intervir, exclamando: “– Não o tortures mais!” (p. 162). Mais uma vez aqui se antecipa o conto “A causa secreta”, de 1885, onde Garcia, tendo diante de si Fortunato torturando um rato e não suportando mais o sadismo do velho senhor, exclama: “– Mate-o logo!” (p. 516).

Note-se que o pesadelo em “Decadência de dois grandes homens” é apresentado como decorrência do conhecimento que Dr. Miranda travou com Jaime e das histórias que este lhe contou durante o dia 15 de março, bem como do charuto opiado que fumou antes de adormecer. Note-se, no entanto, que o relato que nos faz ocorreu a posteriori, ou seja, quando acordado, lúcido, incluindo leitura das cenas que em sonho presenciou, justificando sua inação frente ao sadismo do gato/César em relação ao rato/Bruto, seu recente amigo da seguinte maneira: “Não lhe pude valer, porque eu tinha a presunção de que as armas da terra nada podiam contra aquela lei do destino” (p. 162). Em seu pesadelo houve, pois, total aceitação do espiritismo, em detrimento de suas crenças quando desperto.

De maneira brusca finda a luta entre os animais-homens: “O gato não sobreviveu à vingança. Apenas comeu o rato, caiu trêmulo, miou alguns minutos e faleceu” (p. 162). Retornando à história, situado no momento da escrita do conto, o narrador afirma: “Nada mais restava daqueles dois homens de Plutarco” (p. 162). Findo este comentário, o pesadelo continua: o teto da casa se abre; o adormecido é levado ao firmamento e de lá contempla a cidade, seu nariz muda de formas, volta à cidade e encontra as casas com os alicerces para cima, é cumprimentado por todos e conduzido à chamada ilha das chuvas, a Praça da Constituição e “seu jardim pomposamente iluminado” (p. 163).

Tem-se, pois, na narrativa encaixada de “Decadência de dois grandes homens”, o registro de um pesadelo no qual a dimensão onírica, a aparição sobrenatural e a realidade da experiência vivida fazem com que este, o pesadelo, se exprima em um texto fantástico.

O retorno do sonhador à realidade dá-se com dificuldade, pois, no dia seguinte, no Café Carceler, ao encontrar-se com Jaime, Dr. Miranda, confuso, pergunta-lhe: “– Mas... o senhor... pois César não o engoliu?” (p. 163). Cabe a Jaime o enfoque do pesadelo como decorrência do charuto que lhe ofereceu: “– Falta de costume...” (p. 163).

Conclusão

Jorge Luis Borges em “A arte narrativa e a magia” afirma que “o problema central da arte romanesca é a causalidade” (BORGES, 2008, p. 89). Há a causalidade mimética, aquela que “imagina ou dispõe uma concatenação de motivos que se propõem não diferir daqueles do mundo real” (BORGES, 2008, p. 89-90). Acontece, no entanto, conforme afirma Borges, que

Para o supersticioso, há uma conexão necessária não só entre um tiro e um morto mas também entre um morto e uma efígie de cera ou a quebra profética de um espelho ou o sal entornado ou treze comensais terríveis (BORGES, 2008, p. 91).

Os dois processos apontados por Borges, o natural, “que é o resultado incessante de incontáveis e infinitas operações” (BORGES, 2008, p. 93), e o mágico, “em que os pormenores profetizam, lúcido e limitado” (BORGES, 2008, p. 93), fazem-se presentes na ficção. Para o escritor argentino, no que tange ao romance, sendo, decorrentemente, aplicável à ficção como um todo, “a única honradez possível está no segundo. Que fique o primeiro para a simulação psicológica” (BORGES, 2008, p. 93).

As duas causalidades fazem-se presentes em “Decadência de dois grandes homens”. A primeira, mimética, encontra-se na narrativa encaixante, onde a grande preocupação encontra-se na simulação psicológica de um narrador obcecado com o estudo de comportamentos humanos diferenciados. A segunda, mágica, por sua vez, encontra-se na narrativa encaixada, onde homens podem transformar-se em gato e rato, onde é possível subir ao espaço pela abertura do teto, onde é possível ter uma concha mitológica à sua espera, onde...

A funcionalidade desta especificidade presente no conto machadiano reside no choque do leitor, ao final, quando retorna a narrativa encaixante cuja causalidade é mimética. Ele, o narrador-personagem, conta que vinha vivenciando uma nova realidade de fatos, onde era possível metamorfosear-se, ficar “no espaço, contemplando a cidade iluminada, tranquila e silenciosa” (p. 162), ser transportado ao oceano e lá encontrar uma concha esperando para viagens inenarráveis, viver “amável peregrinação de um modo verdadeiramente mágico” (p. 162). Recém saídos desta experiência outra, ainda imersos neste universo mágico, desestruturam-se narrador-personagem e leitor diante do choque com o sempre conhecido universo euclidiano da dura lei da natureza.

Referências bibliográficas

- 1] ASSIS, Machado de. Decadência de dois grandes homens. In: MAGALHÃES JÚNIOR Raymundo (Org.). *Contos fantásticos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973. p. 140-152,
- 2] BORGES, Jorge Luis. A arte narrativa e a magia. In: _____. *Discussão*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 83-93.
- 3] MONEGAL, Emir R. *Borges: uma poética de leitura*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

- 4] PEREIRA, Lúcia Serrano. *O conto machadiano: uma experiência de vertigem*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.